

## **Artigo**

### **SABERES DE PARTEIRAS NO CUIDADO MATERNO-INFANTIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA (SÉCULOS XX E XXI)**

#### **KNOWLEDGE OF MIDWIVES IN MATERNAL CHILD CARE: A LITERATURE REVIEW (20TH AND 21ST CENTURIES)**

Taíse Santos Rocha<sup>1</sup> - 0000-0002-7895-8409

<sup>1</sup>Faculdade Irecê, Irecê, Brasil - taise.santos@faifaculdade.com.br

#### **Resumo:**

Esta revisão sobre o conhecimento das parteiras baseia-se em teses e dissertações produzidas em reconhecidos programas de pós-graduação e catalogadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com foco no tema das parteiras. O objetivo principal do presente trabalho é aprimorar o embasamento teórico e alinhar o projeto de pesquisa em andamento. O estudo está fundamentado em um referencial teórico abrangente que se baseia em disciplinas como História, Saúde da Família, Memória, Linguagem, Identidade, Educação e Cultura. A metodologia de pesquisa envolve uma revisão sistemática da literatura para responder à questão: “Quais são as principais áreas de conhecimento das parteiras em saúde materno-infantil ao longo dos séculos XX e XXI?”. A abordagem multidisciplinar permitiu um exame holístico do conhecimento das parteiras no contexto dos cuidados de saúde materno-infantil.

**Palavras-chave:** parteiras; obstetrícia; assistência materno-infantil.

#### **Abstract:**

This review of midwives' knowledge is based on theses and dissertations produced in recognized postgraduate programs and cataloged by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), focusing on the topic of midwives. The main objective of this work is to improve the theoretical basis and align the ongoing research project. The study is based on a comprehensive theoretical framework that draws on disciplines such as History, Family Health, Memory, Language, Identity, Education and Culture. The research methodology involves a systematic review of the literature to answer the question: “What are the main areas of knowledge of midwives in maternal and child health throughout the 20th and 21st centuries?” The multidisciplinary approach allowed for a holistic examination of midwives' knowledge in the context of maternal and child health care.

**Keywords:** midwives; obstetrics; maternal and child care.

## **Introdução**

O cuidado materno-infantil desempenha um papel fundamental na promoção da saúde e bem-estar de gestantes, mães e recém-nascidos. Nesse contexto, as parteiras têm exercido um papel crucial ao longo da história, com sua experiência e saberes transmitidos de geração em geração. Embora os sistemas de saúde modernos tenham introduzido avanços médicos significativos, é importante reconhecer e valorizar os saberes tradicionais das parteiras no cuidado materno-infantil.

Diante dessa perspectiva, este artigo de revisão foi realizado com o objetivo de aprimorar o embasamento teórico e alinhar o projeto de pesquisa em andamento. Ele faz parte da dissertação de mestrado provisoriamente intitulada " Saberes tradicionais das parteiras no cuidado materno-infantil: um estudo na comunidade remanescente do quilombo Baixão de Zé Preto, Irecê, Bahia, Brasil, na década de 1980", desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras, sediado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no período de 2022/2024.

Durante o processo de revisão de literatura, realizado entre abril e maio de 2023, foram examinadas teses e dissertações produzidas em programas de pós-graduação reconhecidos e catalogadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com foco no tema das parteiras.

Ao longo deste texto, além de contribuir para o conhecimento histórico, busca-se valorizar os saberes das parteiras, reconhecendo sua experiência e conhecimento acumulado ao longo dos anos. Compreender os saberes das parteiras pode colaborar para a promoção de práticas de cuidado materno mais humanizadas, seguras e culturalmente adequadas, alinhadas com as necessidades das mulheres e de suas comunidades.

## **Resultados**

Ao realizar a revisão da literatura com o objetivo de responder à pergunta “Quais são os principais saberes das parteiras no cuidado materno-infantil ao longo dos séculos XX e XXI?”, inicialmente identificaram-se 145 trabalhos, especificamente teses e dissertações disponibilizadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que abordavam questões relacionadas ao tema. Em seguida, foram realizadas análises mais detalhadas, incluindo a leitura dos títulos e a seleção dos resumos. Dessa seleção, 18 trabalhos foram considerados relevantes para a investigação. No entanto, após uma leitura completa desses estudos, apenas 7 foram incluídos na análise

final, devido à sua contribuição direta para a compreensão dos saberes das parteiras no cuidado materno-infantil. Portanto, os demais 11 artigos foram excluídos da análise final.

Entre esses trabalhos, 6 foram publicados na forma de dissertação e 1 na forma de tese. Essas pesquisas abrangem diferentes estados do Brasil e foram publicadas no período de 2019 a 2022. As instituições de ensino responsáveis pelos estudos incluem cinco universidades federais e três estaduais. Quanto à área de conhecimento, três trabalhos são oriundos de programas de pós-graduação em História, enquanto os demais são provenientes de programas de pós-graduação em Saúde da Família, Memória, Linguagem e Identidade, Educação e Cultura.

A análise dos 7 trabalhos selecionados revelou informações significativas sobre os saberes das parteiras no contexto do cuidado materno infantil e essa diversidade de origens e áreas de estudo enriquece a compreensão dos saberes das parteiras no cuidado materno-infantil, permitindo uma abordagem interdisciplinar e multifacetada do tema.

## **Discussão**

Com base nos trabalhos revisados, observa-se que as teses e dissertações abordam questões relevantes relacionadas aos conhecimentos e práticas das parteiras no cuidado materno-infantil, bem como retratam memórias e experiências empíricas dessas mulheres. Por exemplo, Gomes et al. (2018), Cruz (2019) e Machado (2020), abordam que a memorização desempenha um papel fundamental, já que o aprendizado ocorre de forma oral, sem o rigor metodológico da ciência. A inserção das mulheres no ofício de parteiras ocorria de maneira transcendental ou essencial, sendo considerada um dom autônomo, divino ou adquirido por meio do convívio com parteiras mais experientes.

Quanto aos objetos de estudo, predominam as práticas das parteiras, assim como suas memórias e experiências empíricas. Isso é exemplificado por Barbosa (2022) em seu trabalho "Os saberes das parteiras e das mulheres pajés na aldeia Morada Nova do povo Shanenawa (Terra Indígena Katukina/Kaxinawá)". Para o povo Shanenawa, a tradição oral desempenha um papel fundamental na transmissão de conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens, preparando-os para a vida. Essa tradição é uma experiência viva que mantém as memórias sempre presentes, sendo a fala reconhecida como uma forma de preservar a sabedoria dos ancestrais.

No entanto, há uma lacuna de pesquisa no tema da perseguição às parteiras, como mencionado por Barbosa (2022). A vida das parteiras tradicionais foi marcada pelo medo, enfrentando punições e até mesmo prisões devido ao exercício de seus cuidados. Essa perseguição restringiu ainda mais o acesso a essas mulheres, impedindo-as de oferecer cuidados às pessoas mais necessitadas e desfavorecidas em termos de serviços de saúde.

Em termos teóricos, os trabalhos apresentam variações que enriquecem o campo de estudo. Machado (2020) destaca em sua pesquisa "Mulheres do destino: O parto domiciliar no sudoeste do Paraná (1940-1970)" que a maioria dos partos realizados no Brasil até 1976 foi conduzida por parteiras tradicionais/leigas, especialmente em áreas rurais e de difícil acesso. No entanto, houve uma diminuição perceptível no número de partos domiciliares devido às políticas públicas materno infantis implementadas pelo Estado, que promoveram a instrumentalização da obstetrícia e do ensino médico, resultando na diminuição da prática das parteiras tradicionais.

Em termos procedimentais, os estudos apresentam semelhanças. Quaresma (2021), em sua pesquisa "Memórias e saberes das benzedadeiras e/ou parteiras quilombolas da comunidade do Itacuruçá- Abaetetuba/Pará", destaca a importância de trabalhar com a história oral e a memória. Ouvir essas mulheres alimenta a alma, encantando-se com a simplicidade e a riqueza dos saberes tradicionais, que proporcionam uma força inexplicável para enfrentar cada dia e resistir a tudo que contradiz nossos ideais. As fontes orais nos levam a uma reflexão crítica das ações, do tempo, da história e dos costumes, permitindo desconstruir e construir conceitos.

Em relação às contribuições desses resultados para a construção da pesquisa em questão, os estudos de Machado (2020) e Quaresma (2021) são extremamente relevantes, fornecendo informações valiosas sobre o assunto. As parteiras desempenham o papel de conselheiras das parturientes, auxiliando-as nos cuidados com o bebê após o parto e indicando o uso de ervas e plantas medicinais para aliviar dores e possíveis enfermidades antes, durante e após a gravidez.

O parto domiciliar esteve e ainda está presente na vida dos brasileiros, especialmente naqueles que residem no sertão e em áreas rurais. O ato de partejar vai além de um simples evento biológico, sendo considerado uma prática cultural que envolve sentimentos, sabedoria e as mãos das mulheres que trouxeram muitas crianças ao mundo, enfrentando complicações e superando a marginalização que enfrentaram.

A seguir, apresentaremos os principais saberes encontrados, organizados de acordo com as categorias emergentes nas práticas das parteiras no cuidado materno-infantil.

### **Conhecimentos sobre cuidados pré-natais**

Nesta categoria, foram encontrados diversos estudos que abordaram os conhecimentos das parteiras relacionados aos cuidados pré-natais. As parteiras demonstraram um amplo conhecimento sobre a importância da alimentação adequada durante a gestação, a promoção de um ambiente saudável para o desenvolvimento fetal, a identificação precoce de possíveis complicações e a orientação sobre práticas de autocuidado para as gestantes.

O acompanhamento pré-natal inclui uma série de visitas realizadas pela parteira, nas quais é verificada a posição da criança, são indicados remédios para "depurar (limpar) o sangue" e são realizados movimentos na barriga para aliviar o desconforto causado pelo posicionamento incorreto da criança no útero (CRUZ, 2019).

De acordo com Barbosa (2022), quando a mulher descobre que está grávida, inicia-se uma preparação que envolve o casal e se estende para toda a comunidade. Nos primeiros meses, há momentos de abstinência sexual, pois acredita-se que o bebê precisa de mais energia. É nesse momento que a mulher se afasta um pouco do marido; ele pode sentir enjoos, náuseas e fraquezas, pois o bebê também está retirando energia do pai. Os membros da comunidade ajudam nesse momento difícil, encorajando-o a passar por essa etapa; meses depois, tudo volta ao normal.

Nesse contexto, Quaresma (2021) afirma que as parteiras relataram que era comum realizar o pré-natal das gestantes, chamado de "pré-natal do mato", no qual eram utilizadas ervas para chás e banhos.

Segundo Sousa (2021), no interior do Sertão, durante o período de gravidez, a falta de profissionais de saúde dificultava o acesso aos cuidados pré-natais que conhecemos hoje. Como resultado, as mulheres locais desenvolveram práticas mágico-religiosas para tentar prever o sexo da criança. Uma dessas práticas envolvia cortar o coração de uma galinha e observar se ele permanecia aberto ou fechado após o cozimento, a fim de determinar se o bebê seria menino ou menina. Além disso, a forma da barriga da gestante também era considerada um indicativo do sexo da criança.

Essa mesma prática é descrita por Cascudo (2000); sobre esse ritual, ele escreve que era costume "dar um talho num coração de galinha e fazê-lo cozinhar; se o coração conservar o talho aberto, é menina; ao contrário, menino". Esses costumes eram vistos como "simpatias" dentro da cultura das parteiras locais, que combinavam elementos do catolicismo oficial com antigos cultos de religiões nativas.

Dentro da comunidade indígena Shanenawa, conforme retratado por Barbosa (2022), as parteiras também desempenham um papel importante nos cuidados pré-natais. Elas enfatizam a importância da alimentação tradicional durante a gravidez, evitando frangos comprados nas cidades e alimentos enlatados. São utilizados cardápios tradicionais com peixe assado, banana cozida, batata doce, inhame, cará e mandioca. Relatam que a preparação para o parto envolve não apenas os cuidados físicos, mas também aspectos espirituais e comunitários.

Nas comunidades indígenas, as gestantes são acompanhadas por uma pessoa mais velha, que pode ser sua mãe, avó, vizinha ou parteira experiente. Essa mulher auxilia com chás, avaliação da posição do bebê, contagem das luas e massagens. Os cuidados pré-natais são uma forma de garantir a saúde física e espiritual do bebê e da família.

### **Conhecimentos e práticas de assistência ao parto**

Os estudos examinados revelaram que as parteiras possuem um conjunto diversificado de conhecimentos relacionados à assistência ao parto. Isso engloba o uso de técnicas de alívio da dor, como massagens e posições favoráveis ao trabalho de parto; a aplicação de saberes tradicionais na realização de manobras que facilitam o nascimento; e a atenção especial dedicada ao bem-estar emocional e psicológico da parturiente durante o processo de parto.

Cada parto era uma experiência única, tanto para a parturiente quanto para a parteira, resultando em um constante aprendizado. As parteiras combinavam manobras mecânicas para facilitar o parto com o uso de rezas e bebidas, acreditando que isso contribuía para o processo. Nesse contexto, o momento do parto era considerado uma transição da criança do mundo espiritual para o material, envolvendo uma dimensão mágico-religiosa. Essa mentalidade da época era evidenciada pelas práticas adotadas pelas parteiras em seu ofício (Sousa, 2021).

Segundo Barbosa (2022), as parteiras mais experientes compreendem que basta observar a fase lunar para saber quando o parto ocorrerá. Ao chegar na oitava lua, começam a se preparar, tanto a mulher quanto o bebê. Nesse momento, oferecem chás de plantas medicinais, fazem suas preces a Deus e estabelecem uma comunicação com o bebê, enfatizando que ele não deve ter medo e deve auxiliar a mãe.

Além dos rituais de adivinhação do sexo da criança, como mencionados na categoria anterior, havia todo um conjunto de práticas que envolviam o parto, vivenciadas exclusivamente por mulheres. Esse conhecimento era transmitido oralmente de geração em geração (Caixeta; 2014, p. 119), pois o parto é, antes de tudo, um evento social e, como tal, sujeito a rituais, códigos e tradições, caracterizando-se como um acontecimento histórico (Martins; 2004, p. 67).

Na maioria das vezes, esses rituais envolviam a utilização de certos símbolos que facilitavam o processo de nascimento da criança, como bebidas, chás, massagens e compressas. A senhora Severina Maia relata que durante seus partos, a parteira oferecia um chá preparado com água aquecida e duas colheres de manteiga. Por sua vez, a senhora Ester Mota, que teve nove filhos em casa, menciona que a parteira fornecia chá e um caldo de carne chamado "caldo da caridade" para auxiliar na recuperação após o parto (Sousa, 2021).

Conforme o estudo realizado por Barbosa (2022), a preparação para o parto entre os Shanenawa envolve o uso de plantas medicinais para facilitar o nascimento dos bebês. Além disso, a posição adotada durante o parto é sempre a posição de cócoras.

Segundo Sousa (2021), os instrumentos utilizados pelas parteiras geralmente eram obtidos na própria casa da parturiente, pois o momento do parto, por ser algo repentino, pegava todos desprevenidos. Era comum nessa ocasião a parteira solicitar bacias, tesoura, cachaça, panos, ervas para chás e outros objetos necessários durante o processo de parto. Sousa (2017), complementa, as parteiras utilizavam apenas uma tesoura e algodão para cortar o umbigo, nem sempre havia álcool para esterilização da tesoura, por isso usavam água fervendo. Utilizavam, também, ervas e raízes retiradas da natureza.

Dona Maria Poderosa compartilhou sua experiência ao realizar partos para suas cunhadas. Ela mencionou que utilizava água morna para auxiliar no parto e, após o nascimento da criança, oferecia uma bebida chamada "queimada" à mulher, a fim de purificar o corpo. Ela explicou o processo de preparação dessa bebida, que consiste em

queimar arruda e abuta, adicionar anis estrelado e açúcar, e depois acrescentar um pouco de água e pinga. Segundo Dona Maria, esse era o procedimento realizado para as mulheres que davam à luz. Cada entrevistada relatou práticas diferentes para o parto. A maneira como a parteira conduz o parto, os métodos e os materiais utilizados estão profundamente relacionados à forma como aprenderam com outras parteiras. Esses conhecimentos femininos demonstram a importância das parteiras para as comunidades da região (Gomes, 2020).

Devido à imprevisibilidade do momento do parto e à necessidade de agilidade por parte das parteiras, muitas vezes não havia tempo para rezar. Entretanto, compreendemos que, por meio de suas devoções diárias, elas se colocavam diante do sagrado, suplicando para que tudo ocorresse bem quando fossem chamadas para auxiliar uma mulher (Sousa, 2021).

As preces realizadas durante o parto possuíam um caráter totalmente distinto das mencionadas anteriormente. Enquanto as primeiras são proferidas pelas parteiras em preparação para um evento esperado, as que serão descritas aqui são diferentes, pois surgem diante de uma situação imprevista, como a má posição do bebê, como o cordão umbilical enrolado no pescoço, o parto de embulho ou a dificuldade na expulsão da placenta. A oração que apresentamos foi relatada pela senhora Esmeraldina, que conta que a parteira que a assistiu rezou da seguinte forma: "Minha santa Margarida, eu nem estou grávida nem estou parida, santa Margarida, tire esse fato [órgão] que está em minha barriga" (Sousa, 2021).

Barbosa (2022) relata que a parteira observa atentamente a mulher para avaliar a duração do parto. É fornecido um café forte para dar energia e, em seguida, a mulher é orientada a beber um chá que auxilia na abertura do canal de parto. Após isso, é realizado um banho de cintura para baixo em água quente. A parteira faz a higienização da mulher, tanto na parte frontal quanto na parte traseira. Durante o parto, algumas mulheres preferem ficar na posição de cócoras e segurar no pescoço da parteira ou do marido para ajudar na posição de dar à luz. A parteira canta, realiza a higienização e auxilia o bebê a sair.

À medida que se aproxima o momento final, a mulher recebe mais chá, café e higienização com óleo de amêndoa. Ela se agacha e segura no pescoço da parteira ou em uma corda pendurada no quarto, fazendo força. A parteira destaca que não permite que o



marido observe, pois ainda não é o momento adequado e podem ocorrer situações desagradáveis durante o processo. Após um longo período, a criança nasce (Barbosa, 2022).

Quaresma (2021) descreve em seu estudo algumas situações desafiadoras que ocorreram durante o parto, como por exemplo: "quando a criança estava 'atravessada', a parteira reposicionava o osso da bacia da parturiente para facilitar a passagem do bebê; caso a mulher estivesse íntegra, realizava-se um corte por baixo" (D. Helena, 26/05/2018). Todo o processo de parto ocorria no chão, utilizando-se de uma cama improvisada feita com retalhos de tecido espesso, como redes, toalhas e lençóis. Quanto aos restos do parto, conhecidos como placenta, eram enterrados.

Bourbon (2021) afirma que para as parteiras, a fase da lua fala muito sobre como vai evoluir o parto. O tempo de trabalho de parto não é uma questão, desde que a mulher e o bebê estejam sempre sinalizando que está tudo bem. Esses sinais podem ser resumidos na disposição física e emocional da mãe, batimentos do bebê perfeitos e bolsa íntegra. Na época de lua minguante, a expectativa era que o parto fluísse num ritmo lento e então trabalhavam os elementos da espiritualidade que acreditavam, a fé e a confiança, acendiam uma fogueira na varanda durante os dias que duraram o trabalho de parto.

Os partos eram realizados em casa e de forma natural, sem remédios, sem técnica científica nenhuma, apenas com o conhecimento prático que as parteiras adquiriram de outras parteiras, geralmente uma mulher mais velha da família que fazia partos e ensinava o ofício para as mais novas que tivessem interesse em aprender ou demonstrassem a habilidade para o ofício (Gomes, 2020).

Abordando os aspectos espirituais ressaltados no ofício das parteiras tradicionais, Cruz (2019) percebe nas narrativas apresentadas que todo ritual executado no parto, tanto na preparação quanto também durante a realização do parto, busca uma aproximação com o mundo do sagrado. Poderíamos dizer que tal aspecto se diferencia do parto realizado no hospital, visto que neste a predominância é de preocupação com a técnica, questões puramente objetivas e racionais, além de não se verificar a cadeia de solidariedade presente no parto feito por parteiras.

### **Cuidados pós-parto**

No que se refere aos cuidados pós-parto, os estudos revelaram que as parteiras possuem saberes valiosos para promover a recuperação pós-parto e a amamentação bem-

sucedida. Isso envolve uma série de cuidados, nutrição adequada para as mães lactantes, além do suporte emocional durante este período.

Em relação ao corte do cordão umbilical, Sousa (2021) relata que as parteiras utilizavam uma tesoura de costura, que poderia passar por um processo de esterilização com cachaça, álcool ou apenas ser lavada com água. Após o corte, a atenção se voltava totalmente para a criança, deixando a parturiente em segundo plano. A parteira realizava o banho na criança e a colocava para amamentar, e somente então cuidava da mãe.

No entanto, esse momento de cuidado com a parturiente era marcado por tensão, uma vez que envolvia a expulsão da placenta e dos restos do parto que ainda estavam no útero. O atraso nesse processo gerava medo, pois poderia resultar na morte da parturiente, deixando a criança órfã e abalando o prestígio da parteira perante a comunidade. Embora não seja frequente encontrar relatos de morte durante o parto, o temor era presente (Sousa, 2021).

Segundo Severina Maia, citada por Sousa (2021), as parteiras desenvolveram uma ritualística para facilitar a expulsão da placenta e dos restos do parto. Ela menciona que, em sua época, era comum usar uma mistura de pimenta-do-reino com cachaça para "limpeza", administrada à mulher para beber. Acredita-se que essa combinação promovia a expulsão dos resíduos do corpo da parturiente.

As crenças presentes nessas sociedades abrangem diversas áreas do ser humano. Um exemplo é a convicção de enterrar uma parte da placenta próxima à casa onde ocorreu o parto, a fim de evitar danos à criança. Acredita-se também que o parto é duplo, com o nascimento de uma criança viva e outra morta. O enterro da placenta representa o destino da criança falecida, enquanto a outra parte é usada para preparar um chá contraceptivo. Além disso, acredita-se que os pais e o bebê estão conectados pelo cordão umbilical, que é cortado no nascimento, causando uma ferida no abdômen de cada um. Por esse motivo, é essencial descansar após o parto até o fim do período de puerpério (Barbosa, 2022).

Após o parto, a responsabilidade de preparar o pirão é do marido, que utiliza a parte branca da galinha para fazê-lo e usa a pimenta com tempero. O marido também consome um copo de cachaça com pimenta preta, acreditando que isso ajudará sua esposa a suar e expulsar os espíritos malignos. Durante esse processo, a mulher sente calor, o que é considerado um calor materno que aquecerá e protegerá o bebê. Após essa etapa, é necessário descansar. O pai também sente o que o bebê sente e deve permanecer deitado

por vários dias, evitando esforços. Nesse momento, há uma conexão entre a mãe, o pai e o recém-nascido. O nascimento do bebê causa uma ferida aberta na mãe, no pai e no recém-nascido, exigindo cuidados especiais e o consumo de chás para auxiliar na cicatrização e o consumo do pirão de Catutu para recuperação (Barbosa, 2022).

Neste contexto, era recomendado às parturientes fazer o banho baixo, ou banho de asseio, durante quarenta dias, à base de folhas de verônica, canderu e amorta, amorta, planta da região amazônica, usada para banho de asseio e canderu (*Arrabidaea chica*), planta nativa da região amazônica, que possui ações antiinflamatórias, outras parteiras recomendavam a siritada para limpar a barriga da parturiente, durante quarenta e cinco dias, bem como a água inglesa. (Quaresma, 2021).

De acordo com Cruz (2019), no período do pós parto, iniciava-se novo ritual, o qual também se pautava numa série de proibições e procedimentos a serem adotados pela mulher parida e seu bebê, como, por exemplo: deixar o recém-nascido sete dias sem sair do quarto e o manter para não ser pego pela bruxa do tétano; a mulher deveria evitar comida remosa; fazer asseio íntimo com banhos de folhas prescritos pelas parteiras, como folhas de algodão, alfazema, mastruz e outros para desinflamar; tomar muito caldo para ter leite e manter o resguardo por quarenta dias.

### **Abordagem culturalmente sensível**

Um aspecto importante que emergiu nos estudos revisados foi a ênfase das parteiras na prestação de cuidados materno-infantis culturalmente sensíveis. Elas valorizam os saberes tradicionais e buscam incorporar práticas culturais e rituais que são significativos para as gestantes e suas comunidades. Esse enfoque tem como objetivo fortalecer o vínculo entre a parteira, a mulher e sua cultura, promovendo um cuidado mais abrangente e respeitoso.

Para Barroso (2001, p. 27), pesquisadora das parteiras do Amapá, o conhecimento das parteiras é construído no dia a dia, a partir de experiências repassadas por mães e avós. As habilidades dessas parteiras fazem delas mulheres muito importantes no lugar em que vivem, pois são “[...] herdeiras de um saber histórico-cultural que passa de geração a geração”.

Segundo Gomes (2020), o trabalho desempenhado pelas parteiras vai além do atendimento à parturiente e ao recém-nascido, abrangendo também o acolhimento de toda

a família. Essa dedicação se faz necessária em um contexto em que nem todas as mulheres têm acesso aos serviços hospitalares, tornando-se fundamental o conhecimento e as habilidades das parteiras para salvar vidas e construir uma rede de proteção. Nesse sentido, percebe-se que a integralidade desse trabalho está relacionada a um saber e a uma prática enriquecedores, fundamentados no tratamento, no respeito, no acolhimento e no atendimento ao ser humano em seu sofrimento, que muitas vezes é resultado de vulnerabilidades sociais.

Os saberes das parteiras estão enraizados nas práticas sociais e nos valores éticos que envolvem essa atividade. Existe um reconhecimento coletivo de que a parteira é a pessoa capacitada para auxiliar no processo de nascimento e parto, e seu serviço é embasado em princípios éticos e em um compromisso social com a realidade ao seu redor. As parteiras são mulheres que se colocam à disposição da comunidade em que vivem e assumem um compromisso social com as pessoas, especialmente com as mulheres que necessitam de seus cuidados. Essa relação é construída com base na confiança entre quem cuida e quem é cuidado.

No contexto em que estavam inseridas, as parteiras ofereciam seus conhecimentos e habilidades práticas, que desempenhavam um papel crucial no cuidado da vida, no acolhimento ao próximo e na provisão de amparo. As famílias contavam unicamente com a sabedoria e a disposição dessas parteiras. Geralmente, eram famílias muito pobres e com pouca instrução escolar, uma condição que se estendia à maior parte da população, já que viviam em áreas rurais onde o acesso à educação era limitado devido à distância e à necessidade de trabalhar no campo (GOMES, 2020).

D. Geralda expressou dessa forma: "Éramos todos caipiras, minha filha, não sabíamos de nada. A vida era apenas trabalhar, criar os filhos e cuidar das pessoas que precisavam de nós". A partir do relato de D. Geralda, percebe-se que essas mulheres possuem um conhecimento muito especial: o cuidado com a saúde das pessoas e o atendimento dedicado, baseado nas experiências transmitidas ao longo das gerações. Elas consideravam suas práticas como uma missão, salvando vidas de muitas outras mulheres e crianças. "A ciência das parteiras possui um caráter inato, não podendo esse conhecimento ser equiparado ao conhecimento dos médicos, que é resultado de uma formação acadêmica, mas sim como uma consequência de um Dom" (Barroso, 2001, p. 93).

De acordo com o estudo realizado por Gomes (2020), pode-se afirmar que as parteiras desempenharam e ainda desempenham um papel significativo na vida das mulheres durante o processo de parto, especialmente nos espaços em que exercem sua função. Elas auxiliam as parturientes a enfrentarem o parto de maneira segura e menos dolorosa. Existe uma sintonia estabelecida por meio do carinho na barriga, das massagens nas costas e das orações, que fortalecem a fé das mulheres, reduzindo a sensação de dor e desconforto. Essa conexão estabelece um vínculo entre essas mulheres, que está intimamente ligado ao feminino, à capacidade de compreenderem os sentimentos umas das outras e de perceberem as angústias que estão guardadas, as quais, de certa forma, são aliviadas pela presença das parteiras.

Esse cuidado está enraizado em uma relação de confiança que é construída entre a parteira e a parturiente ao longo de toda a gravidez. Na maioria dos casos, a parteira acompanha a gestante durante todo o período gestacional, oferecendo o apoio necessário, o que proporciona maior segurança para a gestante no momento do parto.

A maneira como as parteiras se relacionam com as plantas medicinais, que generosamente compartilham suas propriedades para se integrarem ao corpo de outro ser, revela-nos uma comunicação direta com o espírito dessas plantas. Quando a parteira conversa com a planta ou tem sonhos que lhe sugerem um potencial de cura, não há motivo para duvidar, pois já existe uma conexão estabelecida, seja por meio dos sonhos ou de uma intuição. O contato é estabelecido de forma direta, reconhecendo que a própria essência da planta, em contato com a humanidade do ser humano, ensina-o sobre seu envolvimento com a vida coletiva - especialmente quando se trata de doenças, em que a planta se oferece para se integrar ao outro. Esse aspecto nos remete a uma prática de natureza xamânica (Barbosa, 2022).

Amorim (2013) aborda em seu estudo a importância de resgatar o verdadeiro significado do cuidado, ressaltando que é necessário e urgente que o indivíduo tenha consciência de si mesmo, de suas capacidades e fragilidades, assim como de seus desejos verdadeiros. Em outras palavras, é fundamental que cada pessoa exerça a autoética (autoconsciência e autocrítica) guiada pela sensibilidade, criatividade, humildade, resiliência, responsabilidade e consciência da finitude humana, atribuindo significado à vida. O ser humano precisa cuidar de si para poder cuidar dos outros.

Ao final de todo o processo de acompanhamento de uma mulher grávida que deu à luz, a parteira continua seu acompanhamento. Em minhas experiências, a visita da

parteira é um momento de revisitar a trajetória percorrida, sistematizar os aprendizados e reflexões. É uma perspectiva externa. Além disso, a parteira cuida dos primeiros dias dessa mulher e de seu bebê, organizando fisicamente, espiritualmente e espacialmente tudo o que estiver ao seu alcance para que a vida flua em novas jornadas. A mulher e a parteira se tornam comadres (Bourbon, 2021).

Segundo Cruz (2019), é inspirador observar a empatia das parteiras em relação às mulheres que atendem, pois essas mulheres "simples" e analfabetas, mas repletas de sabedoria, têm suas preocupações cuidadosamente consideradas. Isso nos faz refletir e criticar o suposto atendimento mais "civilizado" prestado às gestantes nos dias atuais.

O ato de partejar, executado pelas parteiras, é mediado pela cultura, e está fortemente ligado ao sistema de valores, crenças e costumes de um determinado grupo. Nesse sentido, as parteiras tradicionais são mulheres que possuem vínculos com as mulheres e com as famílias da comunidade onde habitam, sendo, por sua vez, faz emergir lembranças da nossa ancestralidade (Sousa; 2008, p. 253).

## **Considerações finais**

Ao concluir este texto, fica evidente que a revisão de literatura desempenhou um papel fundamental no ajuste e aprimoramento do projeto de pesquisa. Através dessa revisão, foi possível identificar a relevância dos estudos relacionados aos saberes tradicionais das parteiras no cuidado materno infantil.

Nossa revisão de literatura revelou que a literatura sobre parteiras se caracteriza pela investigação de temas como os conhecimentos sobre cuidados pré-natais, práticas e saberes relacionados à assistência ao parto, cuidados pós-parto, além da abordagem culturalmente sensível fornecida por essas mulheres. Esses estudos têm como objetivo reconhecer e valorizar os saberes tradicionais, muitas vezes negligenciados pelo discurso hegemônico da medicina contemporânea.

Nesse sentido, reformulamos nosso problema de pesquisa para "Quais eram os saberes tradicionais das parteiras da comunidade remanescente de quilombo Baixão de Zé Preto, Irecê, Bahia, Brasil, no cuidado materno-infantil na década de 1980?". Essa reformulação foi motivada pela pesquisa de Gomes (2020), que destacou a importância das parteiras no cuidado não apenas materno, mas também infantil, sendo responsáveis pelos recém-nascidos até que estivessem prontos para serem atendidos apenas pelas mães.

A revisão de literatura também nos permitiu tomar decisões importantes em relação ao projeto de pesquisa. Reconhecemos que a reescrita das memórias das parteiras por meio da história oral é a melhor alternativa para enfrentar o apagamento de suas práticas e saberes. O ofício de partejar é uma tradição milenar desenvolvida por mulheres, que assumem o papel de guardiãs desses saberes, práticas e rituais transmitidos ao longo de séculos e gerações. Nesse sentido, é essencial fundamentar e construir o projeto a partir das literaturas que dialogam com a história e a memória. Alguns autores relevantes que abordam essa temática são Portelli (1997), citado por

Quaresma (2021), bem como Pollak (1989) e Le Goff (1984), citados por Gomes (2020), destacando a importância de compreender a relação entre memória, história e as práticas das parteiras para a preservação e valorização desse conhecimento ancestral.

Consideramos relevante explorar o território onde as parteiras atuam, impulsionados por Quaresma (2021), que ressalta a necessidade de apresentar a comunidade em sua totalidade, incluindo suas formas de organização, manifestações culturais e acessibilidade a esse espaço de convivência com a proposta de compreender a dinâmica social, familiar e conhecer o ambiente em que essas mulheres parteiras desempenhavam e continuam a exercer suas práticas de atendimento ao parto domiciliar.

Para abordar adequadamente a vida das parteiras tradicionais, marcada por medo e recriminações devido à criminalização de suas práticas, destacamos a importância da fonte oral para este estudo, considerando que esses ofícios são transmitidos pela tradição oral, que preserva a memória adquirida ao longo da experiência de vida dessas mulheres e remete à ancestralidade conforme relatado por Machado (2020).

Com base nessa revisão de literatura, apresentamos os termos fundamentais e reformulados do nosso projeto de pesquisa, intitulado "Saberes tradicionais das parteiras no cuidado materno infantil: um estudo na comunidade remanescente do quilombo Baixão de Zé Preto, Irecê, Bahia, Brasil, na década de 1980". Nosso objetivo é refletir sobre como os saberes tradicionais das parteiras na comunidade remanescente de Quilombo Baixão de Zé Preto, localizada em Irecê, Bahia, Brasil, durante a década de 1980, contribuía para o cuidado materno-infantil. Para atingir esse objetivo, realizaremos entrevistas semi-estruturadas com roteiros orientadores para as parteiras selecionadas como sujeitos de pesquisa.

Ao final deste processo de revisão de literatura, estamos confiantes de que nosso projeto de pesquisa está bem fundamentado nos estudos existentes, reconhecendo as contribuições dos autores relevantes, como Gomes (2020), Quaresma (2021) e Machado (2020), e contribuindo para a valorização e preservação dos saberes tradicionais das parteiras no cuidado materno-infantil.

### Referências

BARBOSA, EDILENE MACHADO. **Os saberes das parteiras e das mulheres pajés na aldeia morada nova do povo shanenawa (Terra Indígena Katukina/Kaxinawá) em Feijó/AC: linguagens e produções identitárias.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre. Rio Branco/AC, 2022. Disponível em:

[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=11771115](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11771115)

BARROSO, Iraci de Carvalho. **Saberes e práticas das parteiras tradicionais do Amapá: histórias e memórias.** 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2001. Disponível em:

[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_8b488649a28f669edb8c6be11077693e](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_8b488649a28f669edb8c6be11077693e)

BOURBON, Caroline Costa. **Histórias de parteira e médica: uma autoetnografia sobre a (in)visibilização das parteiras tradicionais.** 106 f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) - Programa de Mestrado Profissional em Saúde da Família – PROFSAÚDE, Polo UFRB .Santo Antônio de Jesus, Ba, 2021. Disponível em:

[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=11322736](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11322736)

CAIXETA, Vera Lúcia. Parteiras mineiras oitocentistas: entre a institucionalização e as práticas costumeiras. **Saeculum-Revista de História.** João Pessoa, p. 103-120, jul./dez. 2014.

CASCUDO, Luis da Câmara: **Dicionário do folclore brasileiro.** 8 ed. São Paulo: Global, 2000.

CRUZ, Zoraide Vieira. **O ato de partejar: memórias, saberes e práticas de parteiras tradicionais do sudoeste baiano.** 225 f. Tese (Doutorado em Memória) - Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS. Vitória da Conquista, 2019.

COSTA, Lúcia Helena Rodrigues. Corpo, poder e o ato de partejar: reflexões à luz das relações de gênero. **Rev. bras. enferm.** Brasília: v. 53, n. 1, p. 39-46, 2000.

DAVIS-FLOYD, Robbie. Os modelos assistenciais tecnocrático, humanizado e holístico. Tradução Adriana Tanese Nogueira. **Ginecologia & Obstetrícia.** I Conferência sobre Humanização do Parto e Nascimento. Fortaleza: nov. 2000, p. 523.

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino  
ISSN 2595-6361



FUNDAÇÃO PALMARES. **Comunidades quilombolas de Vitória da Conquista**, Bahia. 2011. <http://www.palmares.gov.br/quilombola/?estado=BA> (acessado em 30/Mai/2022).» <http://www.palmares.gov.br/quilombola/?estado=BA>

GOMES, Vânia Inácio Costa. **Parteiras e benzedeiros: saberes e fazeres de mulheres na região do vale do ivaí, paraná (1960-1990)**. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, PR, 2020. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=9938107](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9938107)

GOMES, Samara Calixto et al. História oral como método para a compreensão do ofício das parteiras do semiárido brasileiro. **Texto Contexto Enferm**, v. 27, n. 3, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v27n3/0104-0707-tce-27-03e2470017.pdf>.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Soc. Estado. Brasília**, v. 31, n. 1, p. 25-49, abr. 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Irecê: IBGE; 2010.

LE GOOF, Jacques. **Memória e História**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, v. 1, p. 11-47, 1984.

MACHADO, Ingrid Taylana. **Mulheres do destino: o parto domiciliar no sudoeste do Paraná (1940-1970)**. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pósgraduação Stricto Sensu em História, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Irati, 2020. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=10916734](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10916734)

MARTINS, Ana Paula Vosne: **Visões do feminino: A medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. In.: **Revista Projeto História**. n. 17. São Paulo: EDUC, 1998.

QUARESMA, Veralúcia de Araújo. **Memórias e saberes das benzedeiros e/ou parteiras quilombolas da comunidade do Itacuruçá-Abaetetuba/Pará**. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação e cultura) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará - Campus Tocantins. CAMETÁ-PA, 2021. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=10978593](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10978593)

SABERES DE PARTEIRAS NO CUIDADO MATERNO-INFANTIL:  
UMA REVISÃO DE LITERATURA (SÉCULOS XX E XXI)  
Taíse Santos Rocha

SOUSA, Ivo Fernandes de. **Sagrado feminino: rituais, rezas e representações das parteiras e das rezadeiras salgadinho-PB (1960-1980)**. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2021. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=11579939](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11579939)

SOUSA, Ivo Fernandes de. **Cortando fios de vida, tecendo história de afeto: memórias e saberes das parteiras de salgadinho - Paraíba (1970-1980)**. 2017. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/15166>. Acesso em: 16 maio. 2023.

SOUSA, Ivo Fernandes de: Memórias de Daniel Severaino, o parteiro de salgadinho-PB (1996-2009). In: **História Local: Múltiplos olhares**. João Pessoa: Ideia, 2008, p. 253-266.

WALDOW, Vera Regina; WOLFF, Leila Regina. Violência consentida: mulheres em trabalho de parto e parto. **Saúde sociedade**. São Paulo: v. 17, n. 3, p. 138-151, set. 2008

#### **Informações dos autores**

Taíse Santos Rocha. Mestranda em História (PPGEAFIN/UNEB). Enfermeira, Professora do curso de enfermagem da Faculdade Irecê- FAI.

Contribuição de autoria: autora.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0947538744501443>

#### **COMO CITAR ESTE ARTIGO**

ROCHA, Taíse Santos. Saberes de parteiras no cuidado materno-infantil: uma revisão de literatura (séculos XX e XXI). **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, Caetité, vol. 6, n. 11, 2023, p. 3-20.